

Fragmento de reportagem 1

[...] Agora, quatro em cinco venezuelanos vivem na pobreza, e é comum que as pessoas precisem ficar horas na fila para comprar comida. Há gente morrendo por falta de medicamento. A inflação alcançou 82.766% e pode chegar a um milhão por cento até o final do ano, segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Diante desse cenário, os venezuelanos querem sair do país em busca de melhores condições. Segundo as Nações Unidas, 2,3 milhões de pessoas deixaram a Venezuela, o que representa 7% da população. Mas de um milhão chegaram à Colômbia nos últimos 18 meses.

Muitos deles cruzaram a Ponte Internacional Simón Bolívar, que tem 300 metros de comprimento e 5 metros de largura. Ela se estende sobre o rio Táchira, no leste dos Andes, que corre ao longo da fronteira entre a Colômbia e a Venezuela. As duas pequenas cidades que o rio conecta são San Antonio del Táchira, do lado venezuelano, e Villa Del Rosario, na Colômbia. Por mais próximas que estejam, estão em dois mundos completamente diferentes.

Fonte: WATSON, Katy. **A ponte que simboliza o desespero do êxodo venezuelano**. *BBC News*, 23/08/2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45275901>>. Acesso em: 07 mar 2019.

Fragmento de reportagem 2

Com o foco voltado para o petróleo e usando parte do dinheiro arrecadado com as exportações do combustível para sustentar programas sociais, o chavismo não se preocupou com o desenvolvimento agrícola e industrial do país. O governo não investiu nem na própria indústria do petróleo - levando à queda na produção de barris.

Chávez tomou uma série de medidas que acabaram emperrando o desenvolvimento da indústria local: nacionalizou as indústrias de cimento e aço, entre outras, e expropriou centenas de empresas e de propriedades rurais. O setor privado foi levado a substituir a produção própria pelas importações mais baratas, subsidiadas pelo governo. Além disso, o governo adotou uma política de controle de preços, segurando artificialmente a inflação, o que ajudou ainda mais a acabar com a indústria local.

A Venezuela passou a depender mais e mais de importações - de alimentos e medicamentos até pneus e peças de reposição para o sistema de metrô das grandes cidades. Nos dois últimos anos, com menos dinheiro para importação, a questão do desabastecimento - e, conseqüentemente, da fome - se agravou. Falta até papel higiênico nos supermercados.

Fonte: CORAZZA, Felipe; MESQUITA, Lígia. **Crise na Venezuela**: o que levou o país vizinho ao colapso econômico e à maior crise de sua história. *BBC News*, 30/04/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em: 07 de março de 2019.

Fragmento de reportagem 3

"Muitos hospitais estão operando em condições desafiadoras e a Federação Médica da Venezuela estima que 22 mil médicos deixaram o país", diz o levantamento. Como havia 66 mil profissionais registrados, em 2014, significa que 1 a cada 3 foi embora, prejudicando tratamento intensivo, emergências e anestesia.

Estima-se que 6 mil técnicos de laboratórios e bioanalistas fizeram parte do êxodo de profissionais, além da fuga de 5 mil enfermeiras. Não por acaso, a Opas considera que o sistema de saúde da Venezuela está "sob estresse". Além da mão de obra, falta também remédios e equipamentos. "Isso afetou a rede de saúde e sua capacidade de dar uma resposta a emergências e a epidemias." O colapso está registrado nas estatísticas. Enquanto o mundo reduziu o número de novos casos de contaminação da aids, entre 2010 e 2016, a Venezuela seguiu o caminho oposto e registrou 24% a mais de infecções no mesmo período. Ao mesmo tempo, o acesso aos remédios foi afetado: 69 mil dos 79,4 mil pacientes registrados para receber o coquetel de combate ao HIV na Venezuela não tiveram acesso ao medicamento em 2018. [...]

A tuberculose também ganhou novas proporções na Venezuela. Em 2014, foram registrados 6 mil casos. Para 2017, os dados preliminares já indicam 10,1 mil casos e uma tendência de alta para 2018. Outro problema é que foi constatado que o número de casos resistentes ao tratamento passou de 39 para 79 casos, entre 2014 e 2016. [...]

No caso da malária, os infectados mais que triplicaram em apenas três anos. Em 2015, 136 mil casos foram registrados no país. Um ano depois, a malária atingia 240,6 mil pessoas e, em 2017, já eram mais de 406 mil.

Fonte: **Um terço dos médicos deixa Venezuela e doenças erradicadas reaparecem**. *Estadão*, 02/10/2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/10/02/interna_internacional,993502/um-terco-dos-medicos-deixa-venezuela-e-doencas-erradicadas-reaparecem.shtml>. Acesso em: 07 mar 2019.